



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A MINHA TERRA. PEDITÓRIOS DA MISERICÓRDIA.

CARVALHO, A. L.

Ano: 1934 | Número: 44

Como citar este documento:

CARVALHO, A. L., A Minha Terra. Peditórios da Misericórdia. *Revista de Guimarães*, 44 (1) Jan.-Mar. 1934, p. 30-34.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A MINHA TERRA

Peditórios da Misericórdia

Foi ali, numa «*capella q. chamão do serviço*», capela abobadada do claustro de N. S. da Oliveira, que nos primórdios do século XVI a Santa Casa da Misericórdia nasceu (1).

Fr. Miguel Contreiras, o frade trino que pelas ruas da Lisboa medieval recolhia nos alforjes do seu burrico esmolos para o Hospital dos Pobres, dera com o seu exemplo e apostolado mendicante a «santa regra» das nacionalíssimas instituições das Misericórdias em Portugal.

Pedir de saco às costas era o mandamento escrito, o exercício da caridade a que nenhum irmão da Santa Casa se podia escusar.

No seu «taburno» da Crasta reuniam em 1569 os irmãos e, formalmente, deliberavam: — «*Todo o irmão q. rejeitar a boleta do peditorio da Casa sem dar causa licita, q. seja riscado*» (2).

Eis por que nos dias designados na boleta, à hora das trindades, saía à rua a *via-sacra* do peditório. A sua composição era esta:

A' frente ia o «Campeiro», de lôba e capa de pano azul ferrete, tangendo a campainha.

— *Tlim, tlim, tlim.*

Depois, seguia um irmão, de balandrau preto, erguendo a «bandeira do peditório». Atrás o servo, de lôba e capa, puxando a uma cavalgadura gualdrada «com seu pano azul», conduzindo sôbre o dorso

(1) Inventário da Colegiada (1665).

(2) Esta e as demais citações que se seguem são extraídas do volume «A Misericórdia de Guimarães» (1931).

um ceirão, à maneira de alforjes. De espaço a espaço, êste pregão se ouvia:

— *Smo-o-ola pró hispital!*

*

Além dêste grupo, outros emissários da esmola se organizavam. O contrato da «hospitaleira», em 1605, dizia: — «...irá aos domingos e quartas-feiras do ano com um cesto apanhar as esmolas.»

Por sua vez, estendia-se pelas aldeias e concelhos vizinhos, a chusma respeitável dos «Mamposteiros» (1). Para esta curiosa série de *bandos precatórios* registava o inventário de 1605 vário material, assim discriminado:

— «*Sete bacias de latão para o peditório dos irmãos.*»

— «*Quatro campainhas quando os irmãos vão pedir pelas festas.*»

— «*A bandeirinha do peditório dos irmãos aos domingos e quartas-feiras.*»

— «*Um ceirão da cavalgadura com seu pano azul.*»

— «*Um pano mourisco com que se cobre a bandeira com que pedem.*»

Para estimular o rendimento da colheita dos «Mamposteiros», dirigia a Santa Casa, em 1608, uma carta aos Párcos de Monte-Longo e Moreira de Rei:

— «*Esta casa da S. Mizillicordia não tem outra renda Mais que as esmolas que lhe grangiamos e os monposteiros pedem e estas sedão Muitas vezes mahores por respeitos das callidades das pessoas que com elles as pedem e como as de Vm sejam bem conhessidas lhe pedimos por ser servisso de nosso senhor queira pessoalm^{te} pedir pellas eiras com o monpostr^o dessa frg^a.....».*

Depois, para zelar a arrecadação das esmolas, lá estavam os dous «*Irmãos do Celeiro*» (*Compromisso* de 1609, cap. XIX):

— «*Os Irmãos do celeiro cobrarão as esmolas q. os Irmãos por boletas pedirem pellas freigesias do ter-*

(1) *Mamposteiro*: arrecadador de esmolas. — «Dic. da Ling. Port.», P.^o Rafael Bluteau.

mo e terão cuidado de aVizar na meza dos Irmãos reveis q. não trouxerão as esmolas ate dia de sancto andre pera serem chamados e amoestados as tragão e assi cobrarão o dr.º de vinho dos Irmãos q. o fõrem pedir em quoanto se não da ordem pera aver cubas pello termo em q. se emcube todo.....".

Mais determinações relativas aos peditórios, estabelecidas no mesmo *Compromisso*:

Cap. II — *“Outro sy serão obrigados (os irmãos) irem pedir as freiguesias as esmolas de pão e vinho que forem dadas por boletas da meza...”*

Cap. XXIV — *“Os Irmãos do mes pedirão pelas rruas acostumadas aos domingos e quoartas feiras acabado a missa da terça da Igreja dc nossa snnora doliveira as esmolas que os fieis cristãos lhe quiserem dar com suas varas e bacias nas maos e com a campainha e ensinã diante tangendo e nas festas pedirão o provedor e Irmãos na forma costumada e os Irmãos do mes saberão se os menposteiros dos peditorios da villa pedirão as esmolas nos ditos dias porq. fazendo o contrairo serem amoestados na meza.”*

Dest'arte, era lançada a *rêde arrastão* dos peditórios, de porta em porta, pela vila, pelas herdades, pelas aldeias, à hora das missas matutinas, pela solheira das colheitas, na maré-cheia das festas, ao lusco-fusco das Trindades — tudo servindo e tudo sendo dado pelo amor de Deus e do próximo.

— *“Mandou Madalena Vaz, mulher que ficou de Antõnio Machado Vilas-Boas, por alma de seu marido uma oferta de dous alqueires de trigo, um odre de vinho e um carneiro... e tudo se vendeu por 710 reis.”*

— *“Deu Salvador Nogueira, tabelião desta vila, uma oferta pela alma de seu pai, três rasas de trigo pela rasa velha, um ôdre de vinho e um carneiro, e tudo se vendeu por 1.030 reis.”*

— *“Uma capa deu Ana Moraes, desta vila, um catre, um cobertor azul usado, cabeçal com fronha, dois lençóis de estôpa usados de três panos cada um e um enxergão.”*

*

Oh! mas a legião dos doentes, dos empestados, dos chagados, crescia agora assustadoramente — as

invasões francesas e a Guerra Peninsular por um lado, a fome e a peste por outro.

Em Fevereiro de 1811, a Mesa e o Definitório da Santa Casa, reunidos extraordinariamente, *“questionou-se em consequência sobre fechar o Hospital; porém a melhor arbitrio em bem da humanidade e utilidade pessoal, por ter começado grandemente o contágio, se assentou se fizesse um peditório caritativo, e se suprisse até onde pudessem as fôrças da Casa”*. Assim se fez, rendendo o peditório — 2.800\$000 reis.

Quatro meses depois, na sessão de 2 de Junho, o irmão-escrivão fazia sentir que — *“a cura dos cáusticos e feridas consumia grande parte dos lençóis da Casa, com grande dano e despesa.”*

Pelo que se deliberou: — *“se pusessem a giro os irmãos, que acompanhados dos servos e campáinha de noite, à maneira do Pôrto, se fizesse peditório para remediar tão grande mal.”*

Diariamente, pois, à hora crepuscular, lá ia pelas ruas estreitas, escuras e sujas, desta velha terra de artífices e fidalgos, o bando soturno e apelativo do peditório da Santa Casa, anunciado pela campá: — *Tlim, tlim, tlim.*

Semelhante prática era, porém, fadigosa para os irmãos. Resolveu-se, pois, na sessão de 12 de Julho de 1812 — *“era melhor ordem que os irmãos do mês, de quinze em quinze dias, à noite, a horas de Trindades, saíssem com o servo e hospitaleiro, e êste com a campáinha, a pedir o trapo e fios, a fim de suprir-se esta necessidade.”*

E o pregão soturno, brado de piedade, grito de misericórdia, de espaço a espaço, intervalando o *tlim, tlim* da campáinha, subia clamoroso na treva da noite:

— *Fios de linho p'ró Hospital!*

Mas porque a sciência química só mais tarde descobria os pensos antisépticos, dolorosamente se constatava não suprirem os trapos e fios de linho as necessidades do Hospital. Foi, portanto, resolvido em sessão de 20 de Março de 1816 — *“houvesse uma lavadeira só para os panos, ataduras e parches, a fim de servirem mais de uma vez, dando-se-lhe o ordenado de 300 reis mensais.”*

Deus, porém, velava pela Casa dos Pobres!

Em 1884 a Santa Casa da Misericórdia de Guimarães instalava-se no extinto Convento dos Capuchos, sem já poder dizer, como em 1646: — *«Esta Casa da Misericórdia de Guimarães sendo uma das grandes do Reino, nas necessidades a que acode, é a mais pobre d'êle, porque não tem outro rendimento mais que as esmolas que lhe granjeamos com o sacco às costas.»*

Apesar disso, ainda há coisa de meio-século andava pelas portas o *Zirra*, campeiro, baixo, perrote, de cara escanhoadá, lôba, capa azul-ferrete e sacco às costas, atirando para o interior das casas o seu pregão secular:

— *Fios de linho p'ró Hospital!...*

A. L. DE CARVALHO.